

Lesões, migração esportiva e racismo: o caso de atletas brasileiros

José Hildo de Oliveira Filho

*Pesquisador do Programa Internacional
de Pós-Doutorado do Cebrap*

Resumo

Gostaria de inicialmente discutir como “raça” figura nos debates sobre futebol e nacionalidade no Brasil. Depois da discussão sobre “raça” e “nacionalidade”, este capítulo se divide em três partes. Na primeira, eu falo sobre o papel das “lesões” e do “racismo” na vida de atletas migrantes brasileiros. Ao contrário dos trabalhos clássicos de Gilberto Freyre, argumento que as lesões abrem a possibilidade para questionar como o racismo está presente na vida de atletas brasileiros. Para tal, analiso duas histórias de lesões de atletas brasileiros na República Tcheca. E, posteriormente, analiso o papel de Portugal nos futuros estudos de migração de atletas brasileiros profissionais.

Palavras-chave: futebol; futsal; migração; racismo; lesões.

Abstract

I would like to begin by discussing how “race” figures in Brazil’s debates about football and nationality. After discussing “race” and “nationality,” this chapter is divided into three parts. In the first, I discuss the role of “injuries” and “racism” in the lives of Brazilian migrant athletes. Contrary to the classic works of Gilberto Freyre, I argue that injuries open the possibility of questioning how racism is present in the lives of Brazilian athletes. To this end, I analyse two stories of injuries involving Brazilian athletes in the Czech Republic. Subsequently, I examine the role of Portugal in future studies on the migration of professional Brazilian athletes.

Keywords: football; futsal; migration; racism; injuries.

Introdução

Em 1938, Gilberto Freyre publicou uma crônica esportiva, no *Diário de Pernambuco*, em que faria uma relação entre “raça”, os usos do corpo na capoeira e no futebol e os estilos de jogo europeu e brasileiro. Nessa crônica, a tentativa de branqueamento da seleção brasileira é rechaçada, e, em seu lugar, Freyre celebra a mistura racial brasileira, assim como o seu estilo de jogo.

Essa crônica esportiva vive nos imaginários global e brasileiro sobre o futebol até hoje. Publicações recentes em língua inglesa, por ocasião da Copa do Mundo de 2014, são incapazes de construir análises sobre o racismo contemporâneo no futebol. Livros como *The Country of Football*, de Roger Kittleson (2014), e *Football Nation*, de David Goldblatt (2014), também celebram a mistura racial e nos dizem que as tentativas de branqueamento do futebol brasileiro estão restritas ao início do século XX e que, portanto, parece não haver lugar para análises do racismo presente no futebol contemporâneo.

Ainda que as análises de Gilberto Freyre tenham sido submetidas ao escrutínio crítico nas ciências sociais brasileiras (Fernandes, 2008), essas críticas não são usualmente mobilizadas para a compreensão da relação entre racismo e futebol. Neste capítulo, buscarei discutir como o racismo está presente na trajetória de atletas migrantes na Europa Central e Oriental. Para tanto, pretendo analisar o impacto das lesões no percurso profissional desses jogadores. Segundo a minha perspectiva, as lesões são momentos de crise que nos mostram a agência dos atletas diante da possibilidade de término prematuro de suas carreiras. Além disso, esses episódios nos ajudam na compreensão do racismo no futebol contemporâneo.

O capítulo está dividido em três partes. Na primeira, eu falo sobre o impacto das lesões na vida de atletas migrantes brasileiros. A seguir, eu analiso duas histórias de atletas brasileiros migrantes na Europa Central e Oriental e, posteriormente, analiso o papel de Portugal nos futuros estudos de migração de atletas profissionais.

O papel das lesões

Durante o trabalho de campo¹, quando busquei ser aceito como investigador e ganhar a confiança dos meus interlocutores, o fato de sermos homens cis, além de partilharmos a condição de “migrante” e a mesma identidade nacional, nos fez falar de discriminação, racismo e futebol de forma mais ou menos indireta, por meio de histórias de lesões. Quando perguntados sobre histórias de discriminação na Europa Central e Oriental, muitos atletas se referiram ao tratamento médico recebido nos clubes como marcas da discriminação que enfrentavam.

Eu deixava normalmente as discussões sobre lesões para o fim das entrevistas; e ouvi de muitos jogadores que o cuidado médico era precário, pois não havia um fisioterapeuta ou um departamento médico nos clubes de futsal. Esse atendimento precário os fazia estar sujeitos aos médicos dos serviços públicos de saúde locais, e estes, segundo os jogadores, muitas vezes, atrasavam a sua recuperação para os jogos seguintes. Nesse sentido, muitos jogadores consultavam com fisioterapeutas amigos próximos, no Brasil, através da internet, para poder se recuperar mais rapidamente das lesões.

As lesões foram instrumentais para falar sobre discriminação e racismo. Elas serviram para entender como o atleta profissional, exposto a uma atividade física intensa, pensa sobre os limites de seu corpo. Essa rotina deixava os jogadores sujeitos não somente a contusões, como também a um suporte médico distante de suas necessidades. Ademais, o tratamento médico recebido na Europa Central e Oriental fazia com que os jogadores,

1 Realizei trabalho de campo com 16 jogadores brasileiros profissionais que então atuavam na República Tcheca, na Hungria, em Israel, no Líbano e na Áustria. Todos os jogadores envolvidos nos meus estudos tiveram passagens pela Europa Central e Oriental. A minha amostra não é representativa da diversidade étnica e cultural do Brasil. A maior parte desses 16 jogadores se considerava branca e era originária das regiões Sul e Sudeste do Brasil. O trabalho de campo foi realizado com apoio das bolsas de doutorado pleno no exterior da Capes.

principalmente no futsal, relativizassem os ganhos materiais recebidos nessas regiões (contratos mais longos e melhor pagamento). Dessa forma, jogar na Europa Central e Oriental se apresentava de forma ambígua, muitas vezes: uma experiência enriquecedora, por um lado, mas que poderia ter consequências graves para o corpo dos atletas por outro².

O caso de Roberto³

Encontrei Roberto depois de um dos treinos de seu então clube. Ele havia tido uma extensa experiência internacional, incluindo uma breve passagem pela seleção brasileira e um caso no Azerbaijão, em que o atleta se lesionou antes de a liga nacional começar. Por essas circunstâncias, ele fora demitido antes que pudesse atuar no Azerbaijão. Roberto possuía cidadania italiana, o que facilitava a sua circulação pela Europa, e havia atuado em seis países: Espanha, Itália, República Tcheca, Brasil (diversos clubes e estados), Catar e Romênia. Na entrevista, chegou a se referir a si próprio como “cigano”. Ao utilizar essa metáfora, Roberto aludia tanto às suas relações de trabalho e carreira quanto à cidade onde vivia então, no noroeste da República Tcheca, pois essa cidade tem uma forte presença “cigana” (rom). Dizer-se “cigano”, dessa forma, significava manter-se aberto às novas ofertas de outros clubes e preservar sua mobilidade, apesar de sua família morar na República Tcheca, por um lado; e, por outro, era uma forma de interpretar as relações raciais locais.

2 Chamei, em minha tese e livro, o treinamento dos jogadores profissionais em ambos os esportes, futebol e futsal, de *continuum* etnográfico. Esse *continuum* etnográfico se caracteriza por uma série de instituições envolvidas na profissionalização dos atletas: famílias, federações esportivas locais, regionais e nacionais, clubes de futebol e futsal, além dos diversos incentivos aos jogadores de ambos os esportes para que se profissionalizem numa ou noutra modalidade. Meu trabalho de campo revelou que, quando chegam aos 16 anos, os jogadores profissionais enfrentam uma crescente pressão para que se especializem e sigam carreira no futebol ou no futsal, por exemplo (Oliveira Filho, 2024).

3 Mudei o nome dos jogadores para preservar a sua identidade.

Roberto é fluente em tcheco e tinha uma família, mulher e filho, no país. Por isso, creio que sua autorreferência como “cigano” não era simplesmente uma metáfora inocente, mas uma forma de se referir tanto à sua carreira nômade quanto ao trabalho realizado por ele e pelos ciganos (rom) do país. Na República Tcheca contemporânea é comum que os rom se desloquem para trabalhar em outros países europeus em busca de salários mais altos e mais benefícios. Dessa forma, apesar de “branco” no Brasil, Roberto, ao afirmar “ser cigano”, fazia uma crítica ao tratamento médico e social que recebia em seu clube de então e às relações raciais na República Tcheca. Com essa crítica, Roberto reunia as relações de trabalho no futsal, as possíveis lesões que poderia sofrer em seu clube e o *status* subalterno⁴ tanto dos “ciganos” (rom) quanto dos jogadores de futsal.

Como o exemplo de Roberto demonstra, eu, um investigador negro, tive de lidar com o fato de que a maioria dos jogadores que entrevistei seria considerada branca no Brasil. Mesmo assim, eles se diziam vítimas de discriminação na Europa Central e Oriental. A discriminação, ou o “racismo” enfrentado na indústria dos esportes, de acordo com meus entrevistados, independe da cor da pele e está mais associado à condição de “migrante”. Assim, os atletas migrantes (principalmente no futsal) podem ser vistos, num mundo em que Gaza está a ser destruída, como exemplos de uma “comunidade imaginada” (Anderson, 2003), em que a sua “brasilidade” está incorporada na sua capacidade de seguir fazendo com que seus corpos sejam produtivos.

Em sua entrevista, Roberto detalhou ainda que consultava fisioterapeutas no Brasil para curar-se de lesões menores e que mantinha o seu equipamento de fisioterapia em casa para que pudesse “se cuidar” e seguir com a sua carreira. Dessa forma, Roberto encarava parcialmente a responsabilidade de “se cuidar”, ou “manter-se saudável”, ao mesmo tempo que criticava os clubes na República Tcheca por não disponibilizarem,

4 Eu uso “subalterno” como Patricia Hill Collins (2019) utiliza o termo, uma terminologia crítica, parte de uma tradição de conhecimentos resistentes.

aos atletas migrantes, médicos especializados e fisioterapeutas em tempo integral. E, com 36 anos, Roberto já planejava o fim de sua carreira. Um desses planos era ser treinador, no Brasil ou na República Tcheca. Roberto e eu mantivemos contato por uma mídia social e, três anos após realizarmos nossa entrevista, Roberto estava de volta ao Brasil e era treinador em uma academia de futebol em São Paulo. Ele se disse realizado em seu novo trabalho.

O caso de Joaquim

Joaquim foi o primeiro jogador de futebol cujos contatos obtive por meio de seu clube. Quando falamos por um aplicativo de mensagem, ele me disse que não estava na República Tcheca, mas sim no Brasil, onde passava por uma cirurgia. Foi dessa forma que ele inadvertidamente abriu meus olhos para o tema das lesões na vida dos atletas migrantes. Marcamos para nos encontrar em dois meses, prazo que o próprio Joaquim estipulou.

Após esse prazo, voltamos a nos falar e marcamos uma entrevista num restaurante que ele frequentava na pequena cidade tcheca em que vivia então. Joaquim mostrou-se mais ou menos surpreso com o meu projeto, mas ele foi aberto e falou de sua trajetória e de seus planos durante a conversa de quase uma hora. Ele contou-me que um problema em sua tireoide o tinha impedido de correr. Sem poder correr, o jogador havia sido demitido de um dos grandes clubes de Minas Gerais, o Atlético Mineiro. Ele somente pôde seguir carreira no futebol depois que um amigo, estudante de Medicina, junto com seus professores, conseguiram chegar a um diagnóstico sobre a sua condição. A cirurgia feita no Brasil tinha como objetivo chegar a uma solução mais permanente para o seu caso.

Joaquim é negro, mas em nenhum momento da entrevista ele falou abertamente sobre racismo no futebol. Foi somente quando Joaquim me abriu as portas para um jogo amistoso entre um clube da segunda divisão e outro da primeira divisão tchecas que compreendi melhor a visão da indústria do futebol sobre os atletas brasileiros. Esse jogo amistoso serviria

para testar a possível ascensão de jogadores da segunda divisão para a primeira. E ao redor do campo havia vários empresários. Por sorte, encontrei um empresário estadunidense, que dizia representar alguns dos jogadores que estavam jogando no mesmo clube em que Joaquim atuava. Esse empresário me disse que Joaquim jogava um futebol “bem brasileiro”. Segundo ele, Joaquim era um jogador distinto, e seu “estilo de jogo” se caracterizava por ter sempre a bola próxima dos pés, ser “versátil”, conseguir ter uma boa leitura do jogo, atacar e defender bem. Assim, ele marcava a distinção entre Joaquim e os jogadores que ele mesmo dizia representar.⁵

Embora Joaquim não tenha falado abertamente sobre racismo no futebol, o seu “jogo característico” e a sua história com as lesões, assim como a busca de tratamento no Brasil, me fizeram entender como a indústria do futebol objetificava e exotizava as suas habilidades. Essa objetificação projetava uma imagem de “brasilidade”. Essa imagem, como vi também entre os jogadores de futsal, resultava em uma exotização por parte dos empresários. E por parte dos jogadores, em um receio sobre as possíveis lesões a que estavam sujeitos nas ligas da Europa Central e Oriental. Nesse sentido, em alguns casos de lesões mais graves, os jogadores de futsal e de futebol brasileiros que atuavam na Europa Central e Oriental preferiam interromper os seus contratos e mudar-se para Portugal, ou voltar ao Brasil, em busca de tratamento médico e de fisioterapeutas em tempo integral. Assim, Portugal adquiriu certa importância em meu trabalho de campo – e é sobre esse país que vamos falar agora.

Apontamentos para o futuro e o lugar de Portugal

Além de Roberto e Joaquim, em meu período de trabalho de campo, conheci Antônio. Antônio não conseguiu, na República Tcheca, o tratamento que necessitava para a sua lesão. Ele então rompeu o seu contrato e viajou

5 Embora eu tenha conseguido enviar os meus textos a Joaquim, nós perdemos contato depois que ele foi transferido para um clube de segunda divisão na Polônia.

a Portugal com a família – mulher e filha. Embora Antônio incorporasse de alguma forma a responsabilidade de “se cuidar”, ele não se via como responsável pela gravidade de sua lesão. Assim, ele foi obrigado a aceitar a oferta de um clube de futsal português em que ganharia menos, já que seu novo clube em Portugal “investiria” em sua recuperação, para poder seguir sua carreira e prover o sustento de sua família (Besnier *et al.*, 2018).

Dessa forma, e por fim, gostaria de encorajar mais investigações em Portugal com atletas migrantes brasileiros. Há os importantes trabalhos de Paul Darby (Darby; Cabral, 2006), e até Carmen Rial já fez esse apelo. Além disso, eu gostaria de dizer que os futuros investigadores podem tentar realizar pesquisas tanto no futebol quanto no futsal e compreender o universo dessas duas modalidades esportivas, a partir do ponto de vista dos atletas migrantes. Assim, teríamos um esporte europeu, o futebol, e um “pós-colonial”, uruguaio em sua origem, o futsal. Ao reunir esses dois esportes, poderemos avaliar melhor a importância de Portugal como rota migratória para atletas (sobretudo brasileiros) de diferentes modalidades. Já posso adiantar que Portugal é uma rota importante tanto para os futebolistas quanto para os futsalistas brasileiros.⁶ Assim, seria muito benéfico para o campo de estudos das migrações esportivas que Portugal ganhasse mais proeminência, especialmente quando os agentes envolvidos na investigação são atletas brasileiros.

Não somente a adição de Portugal⁷ e pesquisas mais sistemáticas sobre os migrantes no futebol e no futsal são bem-vindas a esse campo de

6 Em seu mais recente livro, Darby, Esson e Ungruhe (2022) realizam um esforço de investigação que inclui as variadas formas de migração utilizadas por atletas, além dos usuais processos de “produção” de talentos esportivos. Esses investigadores incluem, por exemplo, as universidades como instituições importantes na migração esportiva. Esse esforço recente que o campo de estudos da migração esportiva pode expandir seu escopo de análise para uma compreensão das interseções entre diversos processos de migração, produção de talentos e indústrias esportivas.

7 O último relatório do CIES Football Observatory revela que os brasileiros constituem a principal mão de obra global do futebol contemporâneo, sendo Portugal a rota migratória mais importante desses atletas. O número total de atletas brasileiros migrantes, nas

estudos, mas essas investigações podem utilizar diversas teorias e metodologias para a compreensão das migrações esportivas. A teoria crítica da raça, que embora tenha a sua origem em estudos do direito, pode nos dar novos *insights* sobre as interseções entre raça, classe e gênero nos processos de migrações esportivas (Crenshaw, 1991). Os estudos de gênero e os estudos críticos sobre homens e masculinidades podem nos dar ferramentas para compreender os universos simbólicos dos esportes e dos atletas profissionais (Connell, 1987; Besnier *et al.*, 2018). E a teoria pós-colonial têm o potencial para descentrar o eurocentrismo usualmente presente na sociologia dos esportes (Said, 1994). Somente assim teremos de fato uma visão mais crítica de duas das mais importantes indústrias esportivas no universo do esporte contemporâneo.

Essas teorias e metodologias críticas podem nos ajudar não somente a produzir inovações em nossos textos acadêmicos. Elas podem nos fazer cruzar linhas raciais, religiosas e culturais, construir *rapport* com diversas comunidades de atletas migrantes e, assim, produzir coalizões que transformem o nosso entendimento sobre raça e esportes, além de combater o racismo nas arenas esportivas.

Referências bibliográficas

ANDERSON, Benedict. *Imagined Communities: Reflections on the Origin and Spread of Nationalism*. London: Verso, 2003.

BESNIER, Niko *et al.* Rethinking Masculinity in the Neoliberal Order: Cameroonian Footballers, Fijian Rugby Players, and Senegalese Wrestlers. *Comparative Studies in Society and History*, v. 60, n. 4, p. 839–872, 2018.

COLLINS, Patricia Hill. *Interseccionalidade as a Critical Social Theory*. Durham: Duke University Press, 2019.

ligas pesquisadas, chegou a 3.020, entre 2020 e 2025. Destes, um total de 643 atletas brasileiros migraram a Portugal para atuar nas diversas ligas do país, no mesmo período (CIES Report, 2025).

CONNELL, R. W. *Gender and Power: Society, the Person and Sexual Politics*. Cambridge: Polity Press, 1987.

CRENSHAW, Kimberle W. Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence against Women of Color. *Stanford Law Review*, v. 43, n. 6, p. 1241-1299, 1991.

DARBY, Paul; CABRAL, Rui. Migração para Portugal de jogadores de futebol africanos: recurso colonial e neocolonial. *Análise Social*, v. 41, n. 179, p. 417-433, 2006.

DARBY, Paul; ESSON, James; UNGRUHE, Christian. *African Football Migration: Aspirations, Experiences and Trajectories*. Manchester: Manchester University Press, 2022.

FERNANDES, Florestan. *A introdução do negro na sociedade de classes* (o legado da raça branca). Rio de Janeiro: Globo, 2008. v. 1.

FOOTBALL Expatriates: 2020-2025. *CIES Football Observatory* – Monthly Report 100, 2025. Available at: <https://football-observatory.hflip.co/MonthlyReport100>. Accessed on: 17 Apr. 2026.

FREYRE, Gilberto. Foot-ball mulato. *Diário de Pernambuco*, 17 jun. 1938, p. 4.

GOLDBLATT, David. *Futebol Nation: The Story of Brazil Through Soccer*. New York: Nation Books, 2014.

KITTLESON, Roger. *The Country of Football: Soccer and the making of modern Brazil*. Berkeley: University of California Press, 2014.

OLIVEIRA FILHO, José Hildo. *Sport Migrants, Precarity and Identity: Brazilian Footballers in Central and Eastern Europe*. London: Routledge, 2024.

SAID, Edward. *Culture and Imperialism*. New York: Vintage Books, 1994.